

POLÍTICA ECONÔMICA

Carta ao FMI já está pronta

O documento, com as metas da economia do País para 1991, deve ser assinado esta semana

BRASÍLIA — A carta de intenção do Brasil ao Fundo Monetário Internacional (FMI) deverá ser assinada até o fim da semana. Ontem, no começo da noite, o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, disse que o documento não será assinado hoje, conforme havia sido previsto pela assessoria de comunicação social do Ministério da Economia. O presidente do BC não explicou a razão do adiamento.

Este documento trará as principais metas para a economia brasileira em 1991. A carta e o relatório que os técnicos da missão técnica do FMI prepararam nos últimos 25 dias orientarão a reunião da diretoria do Fundo — no final de setembro — na qual será analisado o acordo entre o Brasil e a instituição. O FMI deve aprovar um acordo stand by (provisório) que incluirá um empréstimo de US\$ 1,5 bilhão. O acordo será um credencial importante para que o País feche um acordo com os bancos credores internacionais.

Os termos finais da carta de intenção foram concluídos ontem, numa reunião realizada no Ministério da Economia. Participaram desse encontro o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, o presidente do Banco Central, Ibra-

him Eris, o representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional, Alexandre Kafka, O embaixador Jório Dauster, negociador da dívida externa, e o diretor da Divisão do Atlântico Sul do FMI, Thomas Reichman.

Na avaliação do representante do Brasil no Fundo Monetário Internacional, Alexandre Kafka, o programa brasileiro atende aos interesses de todos. Além de concordar com o argumento de que a carta não deve incluir a obrigatoriedade do pagamento dos juros atrasados, a missão técnica do FMI aceitou a meta oficial de superávit operacional do setor público de 1,22% do produto interno bruto (PIB) para este ano.

A expectativa do governo é de que a carta de intenção seja aprovada pelo Fundo Monetário Internacional no mês que vem. Uma das novidades desta carta é a não inclusão da inflação como meta de desempenho da economia, o que ocorria nos acordos anteriores.

A missão do FMI, chefiada por Thomas Reichman, volta neste final de semana a Washington com algumas questões não resolvidas. Um ponto sobre o qual não houve acordo nos entendimentos com o governo brasileiro refere-se ao volume do empréstimo que o Fundo concederá ao Brasil. A proposta brasileira para dinheiro novo deve ficar em aberto na carta de intenção que Reichman leva na bagagem de volta aos Estados Unidos.



Mônica Zaratini/AE

O embaixador Dauster: reunião para decidir os termos finais da carta de intenção ao FMI